

SONGS OF INNOCENCE AND OF EXPERIENCE: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Isabel Cristina Rodrigues Ferreira¹
Ingrid Oliveira Pinto²

Resumo: O presente artigo mostra o resultado dos estudos sobre a tradução por meio da análise do processo de tradução de dois poemas de William Blake que formam pares antagônicos publicados em *Songs of Innocence and of Experience* (1789), "The Blossom" e "The Sick Rose", respectivamente, traduzidos por Paulo Vizioli (1993) e Renato Suttana (2011). Buscamos fundamentar teoricamente o estudo sobre o processo da tradução literária da língua fonte para a língua alvo, principalmente, em Rosemary Arrojo (1986), Michael Oustinoff (2011), José Paulo Paes (1990) e Paul Ricoeur (2012). Sendo assim, o objetivo do artigo é mostrar as produções dos tradutores para cada um dos poemas e compará-las enfatizando o fato de que há diversas formas e processos de tradução que o profissional pode optar. Concluiu-se, ao final das análises, que o ato de traduzir é um processo de escolhas difíceis que envolvem identificar as linearidades e singularidades que o texto literário possui, para traduzir os efeitos de sentidos que o constituem e que também exige o conhecimento afincado tanto da língua e da cultura de origem como a de chegada.

Palavras-chave: Texto Fonte; Texto Alvo; Teoria da Tradução.

SONGS OF INNOCENCE AND OF EXPERIENCE: A GLANCE ON THE TRANSLATION PROCESS

Abstract: The present paper shows the results of the translation studies by analyzing the translation process of William Blake's two antagonist poems published in *Songs of Innocence and of Experience* (1789), "The Blossom" and "The Sick Rose", respectively, translated by Paulo Vizioli (1993) and Renato Suttana (2011). We have sought to base theoretically on the process of literary translation from the source language to the target language, mainly, on Rosemary Arrojo (1986), Michael Oustinoff (2011), José Paulo Paes (1990) and Paul Ricoeur (2012). Thus, the aim of the paper is to show the translators' productions for each of the poems and to compare them emphasizing the fact that there are several forms and processes of translation from which the professional can choose. At the end of the analyzes, we concluded that the act of translating is a process of difficult choices that involve identifying the linearities and singularities presented in the literary text, to translate the effects of the meanings that constitute it and that it requires the knowledge of both the source as well as the target languages and cultures.

Keywords: Source Text; Target Text; Translation Theory.

¹ Universidade Federal de Lavras (UFLA)

² Universidade Federal de Lavras (UFLA)

1. Introdução

O trabalho de tradução, de acordo com registros históricos, já era praticado no Egito Antigo e no Império Romano, mas estava relacionado principalmente às atividades administrativas. Na Idade Média, a tradução serviu com maior intensidade a outros propósitos, como a difusão da tradição literária grega e romana. Apesar de ser bastante antiga, durante muitos séculos, não havia nenhuma sistematização para o trabalho, bastava o tradutor deter o conhecimento da língua fonte e do alvo. A partir do século XV, estudiosos começaram a sistematizar o ato de traduzir por meio da elaboração de ensaios visando consolidar a tradução como uma importante área do conhecimento e estabelecer métodos para facilitar e direcionar a prática. Ainda, como aponta Oustinoff (2011), “não há teoria da tradução sem a teoria das traduções”, ou seja, há uma variedade de tipos de tradução dadas as suas especificidades e objetivos (OUSTINOFF, 2011, p. 68). Assim, o tradutor precisa ter um conhecimento grande da cultura das línguas envolvidas para preservar, representar e expandir a repercussão dos diferentes contextos envolvidos no trabalho de tradução.

Além da barreira metodológica, alguns críticos, comparando texto fonte e texto alvo, analisam a tradução como uma produção inferior à obra original, não observando a riqueza cultural e/ou lexical produzida pelo tradutor, por vezes também escritor. Este profissional, no entanto, proporciona ao leitor, que não domina a língua fonte, ter acesso a produções culturais, artísticas e científicas e a valores sociais e históricos diversos daqueles familiares ao seu. No Brasil, a história da tradução começou no século XVI, no início da colonização do país.

Portanto, o presente artigo analisa os mecanismos e/ou as escolhas utilizadas pelos tradutores Paulo Vizioli (1993) e Renato Suttana (2011) no processo de tradução de poemas de William Blake que formam pares

antagônicos publicados em *Songs of Innocence and of Experience* (1789), “The Blossom” e “The Sick Rose”. Buscamos fundamentar teoricamente o estudo sobre o processo da tradução literária da língua fonte para a língua alvo, principalmente, em José Paulo Paes (1990), Michael Oustinoff (2011), Paul Ricoeur (2012) e Rosemary Arrojo (1986) para enfatizar o processo criativo tomado por cada um dos tradutores para cada um dos poemas selecionados.

Para alcançar o objetivo proposto, o artigo primeiro apresenta a definição de tradução e os processos de tradução de textos literários. Em seguida, faz uma análise comparativa de cada um dos poemas de William Blake com os poemas dos tradutores retromencionados, separadamente, mostrando que o ato de traduzir é um processo de escolhas difíceis que envolve identificar as linearidades e singularidades que o texto literário possui, para traduzir os efeitos de sentidos que o constituem.

2. Definição de tradução

O termo tradução, no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (2018), é um substantivo feminino que significa ato de traduzir; o que se traduz; obra traduzida e significação, interpretação e explicação (em sentido figurado). Ainda de acordo com o mesmo dicionário, o termo traduzir, como verbo transitivo, significa fazer passar (uma obra) de uma língua para outra; trasladar, verter e exprimir, interpretar. Esse termo, como verbo pronominal, significa manifestar-se.

Traduzir é, portanto, uma ferramenta que proporciona a comunicação entre povos e culturas que não compartilham da mesma língua fonte. Essa ferramenta pode alcançar resultados que dependem de diferentes fatores; “[...] toda vez que a tradução “direta” ou “literal” chega a um enunciado equivalente no plano lingüístico e estilístico, ela será mantida; caso contrário, será necessário recorrer a tradução oblíqua” (OUSTINOFF, 2011, p. 77), ou seja, ela não expressará exatamente o texto fonte, sendo assim traidora, não no sentido pejorativo, pois o tradutor optará sempre por sentidos parecidos na

língua alvo, buscando melhor representar os efeitos de sentido na língua fonte. Corroborando com essa ideia, Arrojo (1986) afirma que

Toda tradução é fiel às concepções textuais e teóricas da comunidade interpretativa a que pertence o tradutor e também aos objetivos que se propõe, isso não significa que caem por terra quaisquer critérios para avaliação de traduções. [...] Assim, seria impossível que uma tradução (ou leitura) de um texto fosse definitiva e unicamente aceita por todos, em qualquer época e em qualquer lugar. As traduções, como nós e tudo o que nos cerca, não podem deixar de ser mortais. (ARROJO, 1986, p. 45)

Assim, o processo de traduzir revela

[...] inevitavelmente, uma leitura, uma interpretação desse texto que, por sua vez, será, sempre, apenas *lido e interpretado*, e nunca totalmente decifrado ou controlado. [...] Seus leitores também interpretam seu texto sob diferentes pontos de vista e não conseguem recuperar suas intenções originais. (ARROJO, 1986, p. 22)

Portanto, é exigido do tradutor uma ótima fluência das línguas, das culturas, das sociedades e dos costumes envolvidos, pois a interpretação do tradutor influencia diretamente na tradução dos sentidos expressos no texto alvo, levando ao entendimento ou não da obra pelo leitor ou podendo limitá-la. Assim, o ato de traduzir deve ser percebido a partir da “aceitação de uma perda”.

Segundo Arrojo (1986), “o fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores” (ARROJO, 1986, p. 12). Dito de uma outra forma, de acordo com Ricoeur (2012), “traduzir: é servir a dois mestres, o estrangeiro em sua estrangeiridade e o leitor em seu desejo de apropriação” (RICOEUR, 2012, p. 22). Assim, a tradução é a apropriação da língua do outro, o meio pelo qual o leitor participa da cultura do outro; ou se aprofunda em alguma área de conhecimento do outro para seu crescimento pessoal ou profissional.

Complementando essa ideia, Ricoeur (2012) coloca a questão de pensar os textos em termos de traduzível ou intraduzível, sendo que o primeiro

pressupõe que o tradutor consiga traduzir não só a forma, como o seu significado e o segundo leva a inviabilidade da tradução do texto quer seja on que diz respeito ao significado como à estrutura. Arrojo (1986) exemplifica a ideia de Ricoeur ao afirmar que “a verdadeira poesia é intraduzível, definido-se precisamente como aquilo que “se perde” em qualquer tentativa de tradução” (ARROJO, 1986, p. 26). Na Europa, por exemplo, durante uma época, os textos eram traduzidos literalmente, já em outra, marcada pelas “Belas Infiéis”, os tradutores dispunham de uma maior liberdade para “adaptar” o texto fonte, alterando léxico e estrutura linguística (OUSTINOFF, 2011). Se no texto alvo “não se sente a estranheza, mas o estranho, a tradução cumpriu seu papel supremo; mas quando a estranheza aparece em si mesma e talvez obscureça até mesmo o estranho, é quando o tradutor deixa escapar que não está a altura de seu original” (HUMBOLDT, 2000 *apud* OUSTNOFF, 2011, p. 56). Assim, a tradução alcança seu propósito quando consegue manter a plurissignificação de sentido impressa no texto fonte e quando cumpre o papel de manter o dito e o não dito nas entrelinhas do texto. Arrojo (1986) explicita esta ideia em termos de “O texto, como o signo, deixa de ser a representação “fiel” de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial” (ARROJO, 1986, p. 23). Pensando, portanto, na tradução como um caminho para essas significações múltiplas, consideramos que a literatura é sempre traduzível.

Além da tradução poder ser direta ou oblíqua, ela também pode ser classificada em termos de textos pragmáticos ou não-literários e de textos literários. Nos dois casos, a tradução não pode ser feita de modo aleatório e sem exigências, o profissional precisa considerar o público alvo e o gênero textual a ser traduzido. Os textos não-literários são aqueles que possuem um caráter mais pragmático, ou seja, são textos jornalísticos, jurídicos, receitas, textos acadêmicos, ensaios, entre outros, que não tem a preocupação com o efeito estético sobre o leitor. Exige-se do tradutor uma série de conhecimentos linguísticos específicos, voltados para as áreas de conhecimento do texto fonte,

como jargões. Diferentemente, os textos literários, sendo eles poesia, prosa ou dramático, caracterizam-se por uma subjetividade que produz vários efeitos de sentido, de questionamentos e de ambiguidades. Desta forma, a tradução de textos literários é, por excelência, uma “interpretação” ou uma “manifestação” de um sentido plurissignificativo de uma obra.

Nesta seara, Andréia Guerini e Walter Costa (2006) afirma que “se o original contém alguns elementos ambíguos ou polissêmicos, o tradutor deve, em primeiro lugar, lê-los, identificá-los e, a seguir, traduzir o traduzível de uma maneira racional” (GUERINI; COSTA, 2006, p. 40). Desse modo, a obra traduzida não é um mero “decalque” do texto fonte, ou seja, o tradutor necessita fazer escolhas que mantenham o mesmo estranhamento (pluralidade de sentido e de significados) impresso originalmente. Corroborando com essa ideia, Oustinoff (2011) afirma que,

Não existe tradução “neutra” ou “transparente” através da qual o texto original aparecia idealmente como um espelho, identicamente. [...] não há espaço para decalque, em razão do próprio trabalho da língua, seja aquele que se opera no interior da língua “tradutória” ou aquele que se produz no próprio seio da língua original. (OUSTINOFF, 2011, p. 22)

É dentro desta perspectiva de tradução que o tradutor se depara com a dificuldade de fazer algumas escolhas sintáticas e semânticas dado que cada língua possui suas próprias estruturas morfossintáticas, privilegiando os sentidos que o texto fonte produz, segundo Ricoeur (2012).

Depois de apresentar alguns conceitos fundamentais da tradução, principalmente aqueles relacionados à diferença entre a tradução não-literária e a literária, a próxima seção versará sobre os processos de tradução de textos literários: o processo linguístico e o processo estético, ampliando mais a compreensão do ato de traduzir que será fundamental para a análise dos poemas selecionados na seção 4.

3. Processos de tradução de textos literários

Os processos de tradução vêm sendo muito discutidos e pesquisados, embora ainda não haja uma teoria única que embase um passo a passo para se fazer uma tradução. Oustinoff (2011) afirma que “a tradução é uma operação linguística, mas também uma operação literária” (OUSTINOFF, 2011, p. 59), isso significa que para o processo de tradução de textos literários, tanto o componente linguístico como o literário são importantes para a produção do texto alvo. Com isso, a linguística sozinha não seria capaz de abarcar todas as facetas do processo tradutório literário uma vez que parte do processo é estético.

3.1. Processo Linguístico

Os estudos linguísticos na tradução são baseados na linguagem e no conjunto de regras de cada uma das línguas envolvidas no processo tradutório. Assim, linguisticamente falando, o tradutor, conhecedor dos possíveis significados e das regras que regem cada língua, escolhe o sentido a partir da cultura e da época proposta pelo texto fonte para imprimir o entendimento no texto alvo. Oustinoff (2011) explica que por meio da “linguística é que surgiram as primeiras *descrições* suficientemente detalhadas das operações das quais os tradutores procedem” (OUSTINOFF, 2011, p. 59). Assim, entendemos que no processo tradutório, o tradutor parte dos processos linguísticos (fonético, lexical, sintático etc) da língua fonte para estabelecer equivalências, mais ou menos exatas, dependendo do contexto, na língua alvo.

Outro aspecto linguístico a se considerar é o tipo de tradução: o intralingual ou reformulação que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”, o interlingual que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” e o intersemiótico ou transmutação que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas não-verbais” (JAKOBSON, 1975, p. 64-5 *apud* GUERINI; COSTA, 2006, p. 8). No contexto do artigo, o tipo apropriado é a tradução interlingual, pois conecta o texto fonte ao texto alvo tendo o tradutor

como veículo dessa mediação. Além disso, essa tradução considera os sentidos e significados que uma obra possui, contemplando toda a sua plurissignificação. Portanto, a tradução interlingual investiga o processo estético ou literário que será explorado na subseção seguinte.

3.2. Processo Estético ou Literário

Visto que a tradução de textos literários carrega uma resistência somada a uma dificuldade com algumas escolhas lexicais, Arrojo (1986) explica que o trabalho de tradução “não é uma transferência total de significado, porque o próprio significado do “original” não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre” (ARROJO, 1986, p. 23). Além disso, para Ricoeur (2012), os tradutores se arriscam em regiões perigosas que envolvem a sonoridade, o sabor, o ritmo, o espaçamento, o silêncio entre as palavras, a métrica ou a rima. Assim, fica mais uma vez claro que as perdas são inevitáveis e que, por isso, não é uma questão puramente de ser fiel ou de trair a obra original, mas, de considerar o significado do todo da obra. Assim, como afirma Ricoeur (2012), a “fidelidade é a capacidade da linguagem de preservar o segredo contra sua propensão a traí-lo. Fidelidade a partir de então mais a si-mesmo que a outrem” (RICOEUR, 2012, p. 55).

São as inúmeras plurissignificações que uma obra literária possibilita que a torna mais ou menos difícil de ser traduzida. O tradutor precisa estar atento aos requisitos plurissignificativos do texto e das sensibilidades existentes no mesmo para proporcioná-los aos leitores, chamados por Paes (1990) de “operadores poéticos” que são “o metro, a rima, o epíteto anormal, o determinativo indeterminante, a elipse, a inversão, a metáfora etc” (PAES, 2011, p. 37). Além disso, sendo a tradução um processo que leva a uma reflexão dentro da própria língua, Ricoeur (2012) afirma que

É aqui que as reflexões pelas quais nós concluiremos com o trabalho de tradução no interior de uma mesma língua natural serão bem úteis para trazer à luz as infinitas complexidades dessas línguas, complexidades que fazem com que seja preciso, a cada vez, aprender o funcionamento de uma língua, incluindo a própria. (RICOEUR, 2012, p. 41)

Em outras palavras, no campo das conotações, que podem ser afetivas, públicas, pessoais etc, o tradutor precisa compreender o texto não dito da obra, ou seja, interpretar as “entrelinhas”, levando, em alguns casos, a escolhas que se afastam daquelas usadas pelo autor do texto fonte. Para Ricoeur (2012), por exemplo, a tradução de poesias é mais difícil, pois

A poesia oferecia efetivamente a dificuldade maior da união inseparável do sentido e da sonoridade, do significado e do significante.” E não é só nesse campo semântico que é apresentada dificuldade na hora da tradução, “[...] mas as sintaxes também não são equivalentes; as formas de construção das frases não veiculam as mesmas heranças culturais. (RICOEUR, 2012, p. 25)

Ou seja, a construção formal da língua e a significação são partes da problemática de traduzir, sendo ela tentar dizer uma mesma coisa de diversas maneiras.

4. Análise

A análise da tradução literária produzida pelos tradutores Vizioli (1993) e Suttana (2011) teve como base o par antagônico “The Blossom” e “The Sick Rose”, do livro *Songs of Innocence and of Experience* (1789) de William Blake à luz do processo da tradução literária apresentado anteriormente. Blake busca nos poemas da Inocência transmitir leveza bucólica e pureza e nos da Experiência, refletir sobre situações resultantes do contexto inicial da Revolução Industrial. Este poeta pertence ao movimento literário do Romantismo cujo foco é a imaginação e a criatividade, o individualismo, a beleza da natureza e o amor, valorizando as experiências emocionais e o sentimento em detrimento da racionalidade e do cientificismo. Levando em consideração as ideias relacionadas aos pares antagônicos e as características do Romantismo, veremos, a seguir, as diferenças e as semelhanças dos textos alvos em relação aos textos fontes com base nos processos linguísticos e estéticos.

Inicialmente, observou-se a estrutura do poema lírico “The Blossom”, doravante Poema1, que é constituído por duas sextilhas (duas estrofes de seis versos cada uma) e é formado pelas rimas a b c a a c e d b c d d c como pode ser visto na Tab.1, abaixo. Note que tanto a tradução de Vizioli, doravante Tradução1.1, como a de Suttana, doravante Tradução1.2, mantiveram a estrutura do texto fonte, incluindo a construção das rimas. O título do poema da Tradução1.1 tem a mesma amplitude semântica do Poema1, ou seja, o desabrochar de flores. No caso da Tradução1.2, a escolha do título “O Amor-perfeito” parece ter o objetivo maior de manter a rima do que em refletir a ideia do texto fonte, que se perde.

Willian Blake “The Blossom” (p. 6) Poema1	Paulo Vizioli “A Floração” (p. 37) Tradução1.1	Renato Suttana “O Amor-perfeito” (p. 11) Tradução1.2
Merry, merry Sparrow! Under leaves so green A happy Blossom Sees you swift as arrow Seek your cradle narrow Near my Bosom.	Alegre, alegre Pardal! Sob a folhagem tão verde, Uma floração perfeita Te vê, às flechas igual, Buscar teu berço natal Junto a meu peito.	Feliz Pardalzinho, Entre as folhas verdes Um Amor- perfeito Te vê rapidinho Encontrar teu ninho Junto ao meu peito.
Pretty, pretty Robin! Under leaves so green A happy Blossom Hears you sobbing, sobbing, Pretty, pretty Robin, Near my Bosom.	Belo, belo Pintarroxo! Sob a folhagem tão verde, Uma floração perfeita Ouve o teu soluço baixo, Belo, belo Pintarroxo, Junto a meu peito.	Gentil Corruíra, Entre as folhas verdes Um Amor- perfeito Ouve o teu suspiro Gentil Corruíra, Junto ao meu peito.

Tab.1

No que se refere à estrutura sintática, os poemas Poema1 e Tradução1.1 apresentam correspondências em quase todos os versos das duas estrofes. O primeiro verso da primeira estrofe “Merry, merry Sparrow!” do Poema1 apresenta a estrutura adjetivo, adjetivo e substantivo que é preservada por Vizioli na Tradução1.1, “Alegre, alegre Pardal!”. Outra semelhança está no quinto verso da primeira estrofe do Poema1, “Seek your cradle narrow”, para o qual o escritor utilizou a estrutura de verbo, pronome possessivo, substantivo e

adjetivo que foi traduzido por Vizioli como “Buscar teu berço natal” (Tradução1.1) que traz a mesma estrutura do texto fonte. No segundo verso da primeira estrofe do Poema1, no entanto, observa-se a opção por uma palavra no singular na Tradução1.1, *folhagem*, quando ela está no plural no Poema1, *leaves* (folhas), apesar de manter o mesmo campo semântico. Outra diferença está no quarto verso da segunda estrofe do Poema1 em relação à Tradução1.1. Lê-se no texto fonte “Hears you sobbing, sobbing” e no texto alvo “Ouve o teu soluço baixo”. Nesta situação, tanto o pronome pessoal como os dois últimos verbos sofreram alterações para um artigo, um pronome possessivo, um substantivo e um adjetivo.

Prosseguindo para a análise de produção de sentido nos poemas, podemos observar o conceito de “traição” do texto fonte. No terceiro verso da primeira estrofe, a palavra *happy* no Poema1 foi traduzida como perfeita na Tradução1.1. Esta escolha nos mostra que Vizioli levou em consideração que no contexto da língua portuguesa nos referimos a uma floração perfeita, não a uma floração feliz, que corresponderia a um termo mais exato ao texto fonte. O quarto verso da primeira estrofe, “Sees you swift as arrow”, do Poema1 foi traduzida como “Te vê, às flechas igual” na Tradução1.1. Aqui, o tradutor preferiu enfatizar a semelhança existente entre o pássaro e as flechas, mas não deixou claro, como no texto fonte, que esta característica é a velocidade ou rapidez. Assim, fica subjetiva esta comparação. A expressão *cradle narrow* no quinto verso da primeira estrofe do Poema1 foi traduzida como “berço natal” na Tradução1.1. Aqui, o tradutor optou por não enfatizar a dimensão que caracteriza o berço, sendo ela estreita, mas por expressar que este objeto simboliza o local de nascimento, um refúgio ou aconchego que protege o Pardal. Assim, o tradutor buscou a plurissignificação da expressão na Tradução1.1.

No quarto verso da segunda estrofe, “Hears you sobbing, sobbing” no Poema1 que foi traduzido como “Ouve o teu soluço baixo”, na Tradução1.1, observamos que Vizioli opta por caracterizar o substantivo soluço como baixo

no lugar da repetição do verbo soluçar, escolha no poema fonte. Este recurso, que se perdeu na Tradução1.1, remete à ideia de continuação da ação por algum tempo. Portanto, de uma maneira geral, Vizioli manteve a estrutura do Poema1 em sua tradução (Tradução1.1), mas reflete no texto alvo a sua interpretação do texto fonte.

Em referência à preservação da estrutura, observamos que a Tradução1.2 se difere bastante do Poema1. Destacamos primeiro a ausência das repetições na Tradução1.2 nos primeiros versos da primeira estrofe e primeiro, quarto e quinto versos da segunda estrofe, quebrando a estrutura do texto fonte, incluindo a correspondência sintática. Por exemplo, o primeiro verso da primeira estrofe do Poema1 é composto por adjetivo, adjetivo e substantivo, enquanto que esse verso na Tradução1.2 tem adjetivo e substantivo. Suttana também adota o diminutivo na primeira estrofe, versos primeiro e quarto, com o intuito, na nossa perspectiva, de manter a rima com "ninho", no quinto verso. No quarto verso da segunda estrofe: no Poema1, lê-se "Hears you sobbing, sobbing" e na Tradução1.2, lê-se "Ouve o teu suspiro". Neste caso, o tradutor optou por transformar o pronome pessoal e o verbo e a sua repetição, depois do primeiro verbo em artigo, pronome possessivo e substantivo, depois do verbo no início do verso. Assim, ele opta por "trair" as escolhas de Blake no Poema1. Existe, no entanto, uma correspondência no sexto verso das primeira e segunda estrofes do Poema1 e da Tradução1.2, de "Near my Bosom" para "Junto ao meu peito", ou seja, os dois versos seguem o padrão preposição, pronome possessivo e substantivo.

Ao analisar a produção de sentido nos poemas (Poema1 e Tradução1.2), observamos que palavras que objetivam a ênfase dos adjetivos foram suprimidas. Percebe-se essa questão na primeira estrofe do Poema1 quando no primeiro verso o adjetivo *merry* em "Merry, merry Sparrow!" é repetido e no segundo verso, "Under leaves so green", quando o advérbio *so* é utilizado antes do adjetivo *green*. Na Tradução1.2., os dois versos mencionados no texto fonte são traduzidos como "Feliz Pardalzinho" e "Entre as folhas verdes",

respectivamente. Ainda na primeira estrofe, observando o quarto verso do Poema1, “Sees you swift as arrow”, Blake associa a rapidez do pássaro a uma flecha. Tal referência inexistente na tradução, “Te vê rapidinho”. Será que Suttana preferiu eliminar a imagem da flecha por ela já não representar velocidade no século XXI? No caso do quinto verso da primeira estrofe do Poema1, “Seek your cradle narrow”, traduzido como “Encontrar teu ninho”, na Tradução1.2, também perdeu parte da imagem criada por Blake. O texto fonte apresenta a imagem de um berço estreito; no texto alvo, Suttana é mais direto ao traduzir como ninho. Portanto, o tradutor optou por uma linguagem mais direta ao escrever a Tradução1.2.

O quarto verso da segunda estrofe, “Hears you sobbing, sobbing” no Poema1, foi traduzido como “Ouve o teu suspiro”, na Tradução1.2. Aqui, o tradutor optou por usar o substantivo suspiro e não cria nenhum mecanismo para substituir a repetição do verbo soluçar, escolha de Blake no poema fonte, tirando, como na Tradução1.1, a ideia de continuidade da ação por algum tempo. Os primeiro e quinto versos da segunda estrofe da Tradução1.2 se difere totalmente do Poema1: de “Pretty, pretty Robin” para “Gentil Corruíra”. O adjetivo usado na tradução está ligado a uma característica de personalidade enquanto que no texto fonte, ele expressa uma característica estética. Qual efeito de sentido esta mudança provoca no leitor? Assim, Suttana imprime, claramente, na sua tradução a interpretação e a reflexão sobre o Poema1, reelaborando a estrutura da Tradução1.2 para representar a sua percepção do poema fonte de forma mais direta.

Com relação ao poema lírico, par antagônico de “The Blossom”, “The Sick Rose”, doravante Poema2, observou-se que a estrutura do poema é de dois quartetos (duas estrofes de quatro versos cada uma) e apresenta as rimas a b c b e d e f e, como pode ser visto na Tab.2, na página seguinte. Note que tanto a tradução de Vizioli, doravante Tradução2.1, como a de Suttana, doravante Tradução2.2, mantiveram a mesma estrutura do texto fonte, incluindo a construção das rimas. O título do poema da Tradução2.1 e da Tradução2.2

corresponde exatamente ao título do Poema2, tendo a mesma amplitude semântica.

No que se refere à estrutura sintática, os poemas Poema2 e Tradução2.1 apresentam correspondência quase exata na maioria dos versos das duas estrofes. O primeiro verso da primeira estrofe do texto fonte, "O Rose, thou art sick!", formado pela interjeição, substantivo, pronome pessoal, verbo e adjetivo foi traduzido na Tradução2.1 como "Oh rosa, estás doente!", ou seja, interjeição, substantivo, verbo e adjetivo. A supressão do pronome é justificada pela declinação do verbo. Outro exemplo pode ser observado no terceiro verso da segunda estrofe do Poema2, "And his dark secret love" foi escrito na Tradução2.1 como "E seu escuro amor secreto", mantendo a sequência de conjunção, pronome possessivo, adjetivo, adjetivo e substantivo havendo somente a inversão do substantivo com o último adjetivo. No quarto verso da segunda estrofe do Poema2, "Does thy life destroy", Blake utiliza o verbo auxiliar do presente simples, pronome possessivo, substantivo e verbo. Vizioli, em sua tradução (Tradução2.1), "À tua vida põe fim", traz uma preposição, um artigo, um pronome possessivo, um substantivo, um verbo e um outro substantivo. Neste caso, observamos que o verbo auxiliar tem a função de enfatizar o sentido do verbo *destroy* no Poema2 e não apresenta correspondência na Tradução2.1.

Willian Blake "The Sick Rose" (p. 31) Poema2	Paulo Vizioli "A Rosa Doente" (p. 53) Tradução2.1	Renato Suttana "A Rosa Doente" (p. 37) Tradução2.2
O Rose, thou art sick! The invisible worm That flies in the night In the howling storm	Oh rosa, estás doente! O verme que se aventa Invisível à noite Nos uivos da tormenta	Rosa, estás doente! O verme invisível Que voa, inclemente, Na noite terrível
Has found out thy bed Of crimson joy, And his dark secret love Does thy life destroy.	Encontrou o teu leito De prazer carmesim; E seu escuro amor secreto À tua vida põe fim.	Encontrou teu leito De róseo prazer: Seu amor secreto Destrói teu viver.

Tab.2

No que diz respeito a análise de produção de sentido, podemos observar que a tradução de Vizioli dos segundo e terceiro versos da primeira estrofe do Poema2, "The invisible worm/That flies in the night", como "O verme que se aventa/Invisível à noite" (Tradução2.1) mostra que o tradutor optou por fazer inversões entre o verbo do terceiro verso e o adjetivo do segundo verso na Tradução2.1, criando um efeito de sentido que melhor se adapta à ideia interpretada por ele do Poema2. Uma outra ideia associada à análise de produção de sentido nos versos retromencionados é em relação ao verbo *flies* (Poema2) que significa usualmente voar, pilotar e sobrevoar, mas, que foi traduzido por Vizioli como *aventa-se*, que remete à ideia de expor ao vento.

A estrutura do poema na Tradução2.2 em relação ao Poema2 se modifica na maioria dos versos da primeira estrofe. No primeiro verso, Suttana opta por excluir da tradução a interjeição do Poema2, mas no segundo verso composto por artigo, adjetivo, substantivo ("The invisible worm"), o tradutor inverte o adjetivo e o substantivo ("O verme invisível"), reflexo da estrutura sintática das línguas inglesa e portuguesa, respectivamente. Há uma semelhança nos dois primeiros versos da segunda estrofe. O Poema2, "Has found out thy bed/Of crimson joy," é composto por verbo auxiliar do presente perfeito, verbo, preposição, pronome possessivo e substantivo/preposição adjetivo e substantivo e a Tradução2.2, "Encontrou teu leito/De róseo prazer:", apresenta a estrutura verbo, pronome possessivo, substantivo/preposição, adjetivo e substantivo. Nesse caso, a diferença está relacionada à formação do tempo verbal das línguas fonte e alvo.

Quanto à produção de efeito de sentido, destacamos, em primeiro lugar, os terceiro e quarto versos da primeira estrofe, "That flies in the night/In the howling storm" (Poema2) e "Que voa, inclemente, /Na noite terrível" (Tradução2.2). Suttana transfere para o quarto verso a temporalidade da ação de voar, mas adiciona a caracterização de inclemente ao ato, no terceiro verso. Outra substituição feita diz respeito ao adjetivo terrível para qualificar a noite.

Essa característica, no entanto, não expressa o que no texto fonte está associado a uma tempestade de barulhenta.

Os terceiro e quarto versos do Poema2 (“And his dark secret love/Does thy life destroy”) apresentam uma conjunção, um pronome possessivo, um adjetivo, um adjetivo, um substantivo/um verbo auxiliar do presente simples, um pronome, um substantivo e um verbo. Esses versos na Tradução2.2 (“Seu amor secreto/Destrói teu viver”) trazem pronome possessivo, substantivo, adjetivo/verbo, pronome possessivo e verbo. O tradutor opta por omitir alguns elementos na sua tradução como a conjunção e um dos adjetivos *dark* e por mudar a classe gramatical do substantivo por um verbo. Portanto, Suttana opta por se distanciar da estrutura do Poema2 em sua Tradução2.2.

Finalmente, diante do exposto, percebemos que tanto Vizioli como Suttana, em alguns momentos, buscaram manter as características estruturais dos poemas de Blake no que se refere às regras gramaticais e ritmo dos poemas. Quanto ao efeito de sentido, ambos tradutores criaram a complexidade impressa no texto fonte, embora alguns detalhes tivessem sido perdidos no processo tradutório, ou seja, ambas as traduções “traíram” e foram “fiéis” em alguns aspectos ao texto fonte.

5. Considerações Finais

O presente artigo buscou entender os diferentes processos de tradução, para que, a partir deste referencial teórico, pudesse analisar duas traduções literárias diferentes dos poemas “The Blossom” e “The Sick Rose”, de William Blake por meio de comparações entre os poemas fonte e os poemas alvo. Esta análise teve como foco observar as escolhas lexicais e os aspectos estruturais feitos pelos tradutores, Paulo Vizioli e Renato Suttana, para alcançar os diferentes níveis de interpretação dos poemas, respeitando o aspecto semântico.

Para obter êxito em sua tarefa, o tradutor precisa refletir sobre os conhecimentos necessários sobre as línguas fonte e alvo bem como sobre as culturas envolvidas. Dadas as características estruturais de cada língua, os tradutores nem sempre conseguem manter o mesmo ritmo, rima e sintaxe do texto fonte no texto alvo. Observando as estruturas sintáticas das traduções em comparação com os Poema1 e Poema2, todas elas sofreram modificações, mas Vizioli optou por manter maior semelhança com o texto fonte do que Suttana. Além disso, também analisar a sensibilidade existente nas obras e as plurissignificações considerando o efeito de catarse que essa obra pode imprimir no sujeito leitor do texto fonte e do texto alvo. As traduções dos Poema1 e Poema2 implicaram em algumas perdas ao excluir ou transformar alguns léxicos nos textos alvo. Suttana optou por um léxico mais direto e uma estrutura sintática mais objetiva, reduzindo as inferências do leitor.

Referências Bibliográficas

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1986.

BLAKE, William. **Songs of Innocence and Experience**. Disponível em: <<http://triggs.djvu.org/djvu-editions.com/BLAKE/SONGS/Download.pdf>>.

Acesso em: 20 set. 2018.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

OUSTINOFF, Michael. **Tradução: História, teorias e métodos**. 3.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAES, José Paulo. **Tradução a Ponte Necessária: Aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Ática, 1990.

RICOEUR, Paul. **Sobre a Tradução**. 1.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SUTTANA, Renato. **Canções da inocência e da experiência**. 2. ed. 2011. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/123859063/Cancoes-de-Inocencia-e-de-Experiencia-Blake-pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

TRADUÇÃO. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2018. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/tradu%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 09 jun. 2019.

VIZIOLI, Paulo. **Willian Blake**: Poesia e prosa selecionadas. Edição bilíngue. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.